

# A INTERCONECÇÃO ENTRE A NEUROPSICOPEDAGOGIA E AS PRÁTICAS RESTAURATIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Cleonice Carin Bankow 1

Lisliane dos Santos Cardôzo 2

Curso de Pós-Graduação Neuropsicopedagogia Educação Especial Inclusiva

## Resumo

Este estudo visa fazer uma interconexão entre os estudos da neuropsicopedagogia e a utilização das práticas restaurativas no contexto escolar. Tendo em vista que os mais variados tipos de violências na escola dificultam a aprendizagem, faz-se necessário a criação de novas estratégias. Entendemos que as contribuições do estudo teórico da neurociência, através da compreensão de como o cérebro funciona, seu processo de neuroplasticidade, juntamente com o estudo da importância das emoções, expressão de sentimentos e necessidades e o trabalho das práticas restaurativas podem melhorar muito processo de ensino-aprendizagem

**Palavras-chave:** Neuropsicopedagogia. Neurociências. Práticas Restaurativas. Cérebro, Emoções.

## 1 – INTRODUÇÃO

Este estudo é de extrema relevância considerando que, em pleno século XXI, a cultura da violência ainda se perpetua em nossa sociedade e no ambiente escolar exigindo que se ampliem estratégia para que a cultura da paz se faça presente. Tendo em vista que, nos deparamos com grandes dificuldades em nossas relações intrapessoais e interpessoais, questões de conflitos e violências que estão afetando diretamente na questão da aprendizagem. Percebe-se que os alunos envolvidos em situações de violência e que não estão aprendendo de acordo com sua idade/ano estão sendo excluídos do contexto escolar, o que gera um obstáculo para o processo de aprendizagem.

Com o objetivo de agregar os conhecimentos de uma forma transdisciplinar este trabalho, também autobiográfico, visa fazer um estudo teórico dos conhecimentos da neuropsicopedagogia. O presente trabalho procura mostrar um pouco do que já se vem fazendo em termos de práticas restaurativas no ambiente escolar, bem como o impacto que

---

1 Pós-Graduanda em Neuropsicopedagogia Educação Especial Inclusiva e Neuropsicopedagogia Clínica  
E-mail: cleonice.uabcachoeira@gmail.com

2 Doutoranda em Educação. E-mail: lis\_cardozo@hotmail.com

este trabalho agrega aos conhecimentos da neuropsicopedagogia podem trazer no restabelecimento de vínculos afetivos e conseqüentemente a consolidação de novas aprendizagens.

## **2 - MINHA CAMINHADA DA EDUCAÇÃO**

Tenho uma caminhada de 34 anos com a Educação Especial, iniciando em Escola Especial (APAE) atuando com alunos com deficiência intelectual e ou múltipla e depois trabalhando como assessora pedagógica da Educação Especial Inclusiva na 24ª CRE atuando com escolas e salas de recursos me envolvendo no trabalho com a inclusão de alunos com deficiência, transtornos e altas habilidades. Com certeza o curso de neuropsicopedagogia Educação Especial Inclusiva agregou muito conhecimento a este trabalho que já venho realizando e que se faz tão necessário nos dias de hoje, em que a luta por uma escola inclusiva requer um trabalho constante e sério.

Atualmente, sou assessora de Gestão de Conflitos no Programa CIPAVE Regional. CIPAVE são as Comissões Internas de Prevenção de Acidentes e Violência Escolar que todas as escolas estaduais são incentivadas a formar. Neste trabalho de conclusão de curso, senti-me desafiada a escrever sobre inclusão de um outro grupo de sujeitos excluídos no contexto escolar, que estão apresentando grandes dificuldades em seu processo de aprendizagem e que necessitam de pessoas com um olhar sensível para que possam desenvolver ao máximo sua aprendizagem e reestabelecer seus relacionamentos saudáveis. Falo de crianças, adolescentes e jovens envolvidos em situação de vulnerabilidade social ligada as questões de conflitos, violências e atos infracionais.

### **2.1 - NEUROCIÊNCIAS E EDUCAÇÃO**

Segundo Cosenza, (2011, p.142) “a educação tem por finalidade o desenvolvimento de novos conhecimentos ou comportamentos”, pois “aprendemos quando somos capazes de exhibir, de expressar novos comportamentos que nos permitem transformar nossa prática e o mundo em que vivemos, realizando-nos como pessoas vivendo em sociedade”. Cada aluno tem a sua história de vida pessoal, sua estrutura genética herdada, o meio em que está inserido na família, na comunidade, na escola sendo que seu processo de aprendizagem é individual e fruto desta história pessoal. Observando o mundo em que vivemos atualmente,

um dos grandes pontos de interrogação na educação hoje é: Porque muitas criança e adolescentes não estão aprendendo, porque existem muitos problemas nas relações interpessoais e intrapessoais? Porque os índices do IDEB estão tão baixos? Porque tanta distorção idade/ano? Porque adolescentes abandonam a escola? Responder a estes questionamentos tem sido um desafio e nossas escolas tendo em conta as grandes mudanças estruturais das famílias e da sociedade.

Compreender o ser humano na sua plenitude e entender como se processa a aprendizagem no contexto escolar tem sido um grande desafio, uma tarefa muito difícil para as mais variadas áreas. Com os avanços na área da neurociência entendemos que a aprendizagem é mediada pelas propriedades estruturais e funcionais do sistema nervoso, especialmente do cérebro, sendo ele o órgão da aprendizagem. O cérebro humano é bem mais complexo do que pensamos, é abrangente e criativo e se for corretamente conhecido, estudado e estimulado poderá aprender muito mais, podendo se expandir, bem como saber lidar melhor com as emoções.

Segundo Antunes (2005, p.10) “a cada dia, neste exato momento, em inúmeros lugares, cientistas se debruçam sobre os segredos da mente humana, visando desvendá-los não há mais possibilidade de deter o notável avanço das ciências cognitivas na busca dos segredos do cérebro.” Segundo o autor, estas conquistas científicas são relativamente recentes, iniciando na primeira metade do século XIX. Desta última década, muito se tem debatido mundialmente sobre esta temática.

Porém, segue o alerta de Cosenza (2011, p.142) “embora muitas vezes se observe certa euforia em relação às contribuições das neurociências para a educação, é importante esclarecer que elas não propõem uma nova pedagogia nem prometem soluções definitivas para as dificuldades da aprendizagem”. Porém, podemos observar no dia a dia que estes conhecimentos colaboram para fundamentar as intervenções nas práticas pedagógicas que respeitam a forma como o cérebro funciona. Os avanços das neurociências possibilitam uma abordagem mais científica do processo ensino-aprendizagem, fundamentada na compreensão dos processos cognitivos envolvidos.

As neurociências são ciências naturais que estudam princípios que descrevem a estrutura e o funcionamento neurais, buscando a compreensão dos fenômenos observados, já a educação tem outra natureza e finalidades, como a criação de condições para o desenvolvimento de competências pelo aprendiz em um contexto particular, sendo não apenas regulada por leis físicas e biológicas, mas principalmente por aspectos humanos. (Cosenza 2011, p.143). Neste contexto temos a interface entre as neurociências e a

educação, onde podemos agregar estes conhecimentos no trabalho do professor no ambiente escolar:

O trabalho do educador pode ser mais significativo e eficiente quando ele conhece o funcionamento cerebral. Conhecer a organização e as funções do cérebro, os períodos receptivos, os mecanismos da linguagem, da atenção e da memória, as relações entre cognição, emoção, motivação e desempenho, as dificuldades de aprendizagem e as intervenções a elas relacionadas contribui para o cotidiano do educador na escola, junto ao aprendiz e à sua família. (COSENZA, 2011, p.146)

Reforçando este tema, nos diz Russo (2015p.15,) que “o estudo da neurociências ajuda a compreender a complexidade do funcionamento cerebral e as articulações entre cérebro e comportamento” Agregar conhecimentos neurocientíficos a educação vai permitir explorar as potencialidades do sistema nervoso de forma criativa e autônoma com intervenções significativas para a melhoria do aprendizado escolar e da qualidade nas relações intrapessoais e interpessoais dos alunos

Entendemos a necessidade transdisciplinar que envolve esta temática. Segundo Cosenza (2011, p.145) “por meio dessa perspectiva, as diversas áreas do conhecimento utilizarão seus pressupostos para avançar em direção a um conhecimento novo”. A transdisciplinariedade é um nível que vai além da multidisciplinariedade e interdisciplinariedade, nela não existem fronteiras e nem saberes mais importantes. Neste contexto de transdisciplinariedade a neuropsicopedagogia vem para contribuir para essa discussão, pois possui um olhar múltiplo que busca compreender o ser humano em sua complexidade, conforme a Sociedade Brasileira de Neuropsicopedagogia:

A neuropsicopedagogia é uma ciência transdisciplinar, fundamentada nos conhecimentos da Neurociência aplicada a educação, com interfaces da Psicologia e Pedagogia, que tem como objetivo formal de estudo a relação entre cérebro e a aprendizagem humana numa perspectiva de reintegração pessoal, social e escolar. SBNPp (cap.II art.10)

Considerando esta perspectiva de reintegração pessoal, social e escolar temos que agregar os conhecimentos na área da Justiça Restaurativa, que é uma nova abordagem de resolução do conflito, focada nas relações pessoais prejudicadas em conflito através de práticas restaurativas que se constituem num amplo campo fértil e desafiador de pesquisa e reflexão que poderá trazer benefícios e mudanças em nossa sociedade a longo prazo.

## 2. 2. APRENDIZAGEM E A NECESSIDADE DA CULTURA DA PAZ

A Cultura de Paz é um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados no respeito à vida, no fim da violência e na promoção e prática da não-violência, por meio da educação, do diálogo, da cooperação e da humanização das relações. Para que haja aprendizagem dos alunos faz-se necessário que a escola tenha um ambiente de tranquilidade e paz, um ambiente acolhedor, prazeroso de sentimento e pertencimento, conforme nos coloca Lorenzone:

Desde sempre a educação como área de conhecimento reconhece que a paz é elemento indispensável à elaboração de saberes, bem como ao sucesso do processo ensino aprendizagem. Para aprender precisamos de segurança, necessitamos de conforto emocional. A ausência de paz não favorece estas possibilidades. Sendo assim, a Educação para a Paz passou a ser algo indispensável na constituição do sujeito aprendente. (2011, p.14)

Conflitos fazem parte da condição humana, sempre existiram e sempre existirão, no momento em que pessoas estiverem reunidas. O conflito em si não é ruim, ele apenas demonstra que nós somos e pensamos de forma diferente, porém a diversidade hoje em dia tem sido um grande motivo de conflitos. Conflitos que, muitas vezes, quando não trabalhados adequadamente viram violência propriamente dita. Esta violência inibe e atrapalha todo o processo de aprendizagem. O conflito precisa ser visto como um momento de aprendizagem pedagógica.

Atualmente, as escolas trabalham em prol da cultura da paz, porém ainda vivemos em uma sociedade em que a cultura da violência se faz presente. Convivemos com os mais variados tipos de violência - seja física, verbal, psicológica, moral, sexual, social, material, virtual. Estes tipos de violências, no ambiente escolar, são demonstrados nos mapeamentos das Comissões Internas de Prevenção de Acidentes e violência Escolar (CIPAVE), aparecem nas causas de Fichas de Comunicação de Aluno Infrequente (FICAI) e tem sido um dos entraves para insucesso, abandono de alunos e aprendizagem em nossas escolas. Isso demonstra que o trabalho em prol da paz no ambiente escolar precisa ser intensificado. Partindo do princípio que cultura é algo construído, um modo aprendido de viver, podemos aprender novas formas de viver e conviver pacificamente.

A educação nestes últimos anos tem emitido documentos que preconizam o trabalho preventivo, como podemos citar a Lei nº 14.030/2012 que institui as Comissões Internas de Prevenção a Acidentes e Violência Escolar, a Lei 13.185/2015 que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (bullying), a Resolução CNE/CP nº 1/2012 que trata Educação em Direitos Humanos, o Parecer CEED/RS nº 126/2016 que contém as diretrizes

para a Educação em Direitos Humanos em nosso Sistema Estadual de Ensino no RS, e recentemente tivemos o acréscimo em nossa LDB:

Art. 1º O caput do art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido dos seguintes incisos IX e X:

IX - Promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (bullying), no âmbito das escolas;

X - Estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas. (Lei nº 16363/14 de maio de 2018)

A nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que tem como preocupação a equidade, sendo um conjunto de aprendizagens essenciais que todas as crianças e adolescente tem direito, também dá ênfase a esta temática no momento em que entre as dez competências gerais encontramos as socioemocionais que precisam perpassar horizontalmente todas as áreas do conhecimento:

8 - autoconhecimento e autocuidado: conhecer-se e compreender-se na diversidade humana e apreciar-se para cuidar da sua saúde física e emocional reconhecendo suas emoções e a dos outros, como autocrítica e capacidade para lidar com elas”

9 – Empatia e Cooperação: exercitar a empatia, o diálogo, resolução de conflitos e cooperação para fazer-se respeitar e promover o respeito aos outros e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade, sem preconceitos de qualquer natureza” (BNCC/2018)

Mais do que nunca em nosso mundo atual com tantas violências faz-se necessário o autoconhecimento, conhecer a si mesmo, ao outro e ao mundo que nos cerca com tanta diversidade - que poderia nos complementar enquanto seres humanos, mas que muitas vezes nos distancia. Afinal, todos nós temos o desejo de estarmos em bons relacionamentos e ter a relação intrapessoal, interpessoal e social bem resolvidas.

Não podemos mudar todo o contexto das mazelas em nossa sociedade, porém podemos usar os estudos da neurociência e das práticas restaurativas para melhorar nossa convivência na escola e melhorar o processo ensino-aprendizagem. E para termos a cultura da paz presente em nosso ambiente, precisamos mudar de paradigma. Sair das práticas de punição para as práticas restaurativas, é preciso dar respostas não violentas à violência, o que ainda é muito difícil em nossas escolas, onde ainda é considerado muito mais fácil dar castigo, suspender, expulsar, transferir o problema para outra escola e negar alunos com histórico de conflitos e de atos infracionais. Precisamos aprender que a punição por si só, além de não resolver os problemas, causam sofrimento e sentimento de culpa em vez de responsabilização pelos danos causados, como preconiza os princípios da Justiça Restaurativa.

## 2.3 – COMPREENDER EMOÇÕES, SENTIMENTOS E NECESSIDADES

Nosso cérebro tem três funções: a reptiliana, responsável por funções vitais; o cérebro límbico pelas emoções e o neocortex, essencial para o desenvolvimento da linguagem, raciocínio lógico e pensamento abstrato. Percebe-se em nossa cultura um grande empenho pelo desenvolvimento do neocortex relegando em segundo plano as questões relacionadas ao emocional. Aristóteles já dizia que educar a mente sem educar o coração, definitivamente não é educar. Por isso precisamos resgatar a importância do estudo das emoções:

No estudo da mente humana as emoções e as cognições não podem ser analisadas cada uma para o seu lado. As emoções afetam as cognições e as cognições ampliam o leque e de respostas possíveis e adequadas que um organismo pode dar face a uma situação. Há mecanismos cerebrais distintos e mecanismos comuns no processamento da informação (PINTO, p.170)

Segundo Cosenza (2011, p.75) “o fenômeno emocional tem raízes biológicas antigas e foi mantido na evolução exatamente por seu valor para a sobrevivência das espécies e dos indivíduos” e na verdade, os processos cognitivos e emocionais estão profundamente entrelaçados no funcionamento do cérebro evidenciando que as emoções estão presentes em todos os momentos importantes da vida dos indivíduos. Sendo assim necessário aprender a lidar de forma adequada com elas. O autoconhecimento emocional é uma habilidade que pode ser aprendida e aperfeiçoada o que pode fazer uma grande diferença na nossa vida pessoal e nas nossas relações. A capacidade de conseguir controlar adequadamente é o que chamamos de inteligência emocional, e esta contribui para o aumento da aprendizagem, a diminuição dos problemas de disciplina e para a preparação de indivíduos mais capazes de viver a vida em sociedade e de atingir a plenitude de realização pessoal (COSENZA, 2011, p.85)

Para lidar com as questões de conflito, é preciso empatia, acolher sem julgamento, é preciso acolher ambas as partes, o que gera o conflito e o que sofre com o conflito. Nesta questão temos que aprender com a linguagem da comunicação não-violenta, desenvolvida por Marshall B. Rosenberg, em psicologia clínica, mediador internacional e fundador do Centro Internacional da Comunicação Não Violenta, que é conhecida por sua capacidade de inspirar ação compassiva e solidária. A comunicação não-violenta é conhecida como a linguagem do coração na prática da paz, por ser uma forma de comunicação que leva a nos entregar de coração, e fortalece a nossa capacidade de continuarmos humanos mesmo em situações adversas. O enfrentamento deste problema é possível, quando descobrimos o que

tem por trás destas manifestações, precisamos entender as mensagens escondidas, as mensagens explícitas atrás dos atos de violência. Escondido em cada ato de violência existe uma necessidade não atendida. Podemos dizer que a violência é uma manifestação trágica de uma necessidade não atendida (ROSEMBERG, 2006).

Vivemos em uma sociedade em que não podemos demonstrar nossos reais sentimento, nossas emoções e muito menos nossas necessidades. Não fomos educados para falar de nossos sentimentos e nem de nossas necessidades. Todo ser humano tem em sua programação biológica as emoções e necessidades. Nosso cérebro é muito sensível a qualquer violação das nossas necessidades. Entre as necessidades básicas de todos os seres humanos podemos citar: nutrição física (ar, alimento, descanso, abrigo...) autonomia (liberdade, sonhos, metas e valores) independência (aceitação, respeito, amor, confiança apreciação), lazer (brincar), celebração (celebrar os sonhos realizados, elaborar as perdas), comunhão espiritual (paz, harmonia...) Considerando que necessidade é algo do qual não se pode abrir mão e não tem cérebro humano que possa eliminá-las podemos nos perguntar: Nossos alunos tem estas necessidade básicas atendidas? O contexto escolar está propiciando isso?

Percebemos que os alunos vão para a escola com muitas destas necessidades básicas não atendidas e, além disto, com redes neurais para comportamentos negativos:

Alguns alunos, vem para a escola com redes neurais para comportamentos que são os mais úteis para a sobrevivência em um lar ou numa comunidade com stress tóxico, porém esses mesmos comportamentos podem perturbar demais quando apresentados dentro da sala de aula. (PRANIS, 015. p.16)

Em nossa essência, somos seres biologicamente configurados para o bem. Segundo Pranis (2010, p. 22) “cada um tem um eu que é bom, sábio, poderoso e sempre presente – o eu verdadeiro”. Segundo Rosenberg (2006, p.19) é da nossa natureza gostar de dar e receber de forma compassiva. Segundo Gandhi “a violência é fruto da cultura, não é da natureza”. Cappelari (2012 p.23) nos fala que nosso cérebro originalmente foi “programado pela natureza para cooperar, contribuir, compartilhar e conviver, são redes de neurônios organizados em função da nossa herança biológica, por isso possuímos circuitos cerebrais bem pavimentados para a solidariedade e o amor”. Considerando que a nossa biologia não nos abandona, podemos nos perguntar: Porque então existe tanta violência em nosso contexto, porque nos afastamos da nossa natureza que é compassiva? Aprendemos a ser assim no convívio com os outros, pois conforme Jeferson Cappelari:



A absorção desses comportamentos é feita de maneira espontânea, simplesmente pelo fato de estarmos inseridos no meio social em que vivemos, numa cultura que nos desconecta de nossas necessidades, emoções e sentimentos e nos ensina a usar o poder, a maldade e os julgamentos. (2012, p.33)

Considerando que a aprendizagem do ser humano começa no período do neurodesenvolvimento, precisamos entender que a nossa cultura e o meio em que vivemos, todas as nossas experiências desde a concepção, período de gravidez e a nossa infância ficam registrado em nosso cérebro, mas nem tudo permanece para sempre. Pois nosso cérebro passa por um processo chamado de poda neural:

A ciência nos diz que a partir dos dois anos começa a ocorrer no nosso cérebro um fenômeno biológico, chamado poda sináptica... Assim como um jardineiro aparar os galhos, o cérebro faz o mesmo, eliminando suas redes neurais. Esse processo de poda é altamente influenciado por estímulos ambientais, mais ou menos como a lei do “uso-desuso”. Se determinadas sinapses são muito usadas, elas ficam; as que não tem função são podadas. Não geram prejuízo para a anatomia do cérebro. (CAPPELLARI, 2012 p.28)

O convívio familiar e na comunidade tem sido complicado e todas as experiências vivenciadas e repetidas - sejam de afeto ou de violência - tornam-se hábitos fazendo com que nosso cérebro se estruture com esses comportamentos positivos ou negativos. Crianças com convívios razoavelmente afetivos tem vantagens em seu desenvolvimento, mas ainda podem apresentar dificuldades em seus relacionamentos, porém as criança que vivem com poucos vínculos afetivos, em um ambiente em que a comunicação é fundamentada em xingamentos, ameaças, humilhações, que sofrem maus tratos, abandono e violência tenderão a ter grandes problemas em seu processo de aprendizagem. Se com a poda neural, o que permaneceu foram os registros negativos, Cappellari coloca que é por meio destes circuitos neurais que ela irá se desenvolver. Traumas na infância, abuso sexual, abuso físico, maus-tratos emocionais e negligência podem ter efeitos diferenciais no cérebro que e persistem tornando estes sujeitos reprodutores destas atitudes em seu meio.

Kay Pranis nos chama a atenção para que estes sujeitos não sejam abandonados, separados ou excluídos de nosso meio quando cometem violências e atos infracionais, porque compartilha do pensamento de Albert Einstein quando diz que o ser humano é parte do todo por nós chamado de “universo” e acrescenta dizendo que em nossos relacionamentos estamos profundamente interconectados. A sociedade africana tradicional usa o termo “ubuntu” com a ideia de que cada um de nós é, fundamentalmente uma parte do todo.

Nós acreditamos que este princípio nos faz lembrar que não há jovens e pessoas que possamos jogar fora desistir, chutar ou nos livrarmos de nada sem,

literalmente, jogar fora uma parte de nós mesmos. Ao excluir alguém, nós nos prejudicamos e prejudicamos o tecido de nossa comunidade. Pelo fato de estarmos conectados, o que fazemos ao outro, fazemos a nós mesmos, embora possamos não nos dar conta de que isto esteja acontecendo. (PRANIS 2010, p.23)

A afirmação de que tudo no universo está ligado, e que é impossível isolar algo e agir sobre aquilo sem atingir todo o resto nos remete uma grande responsabilidade com nossas crianças e jovens que estão em conflitos com a lei nos atos infracionais.

Para trabalhar no resgate destes alunos a neurociência, que busca entender as bases biológicas do comportamento, mostra-nos que podemos criar rotas neurais alternativas para criar novos caminhos para superar as aprendizagens negativas que tivemos, dizendo:

Se os comportamentos dependem do cérebro, a aquisição de novos comportamentos, importante objetivo da educação, também resulta de processos que ocorrem no cérebro do aprendiz. As estratégias pedagógicas promovidas pelo processo ensino-aprendizagem, aliadas às experiências de vida às quais o indivíduo é exposto, desencadeiam processos como a neuroplasticidade, modificando a estrutura cerebral de quem aprende. Tais modificações possibilitam o aparecimento dos novos comportamentos, adquiridos pelo processo da aprendizagem. (COSENZA,2011 p. 142)

Sabemos que esta plasticidade é maior nos primeiros anos de vida, mas segundo Russo (2015, p.44) “o conhecimento atual do cérebro e de seu funcionamento permite afirmar que a plasticidade nervosa, ainda que diminuída permanece pela vida inteira, logo a capacidade de aprender é mantida”. Considerando que a plasticidade é a capacidade que o cérebro tem de fazer e desfazer ligações entre os neurônios através das interações constantes com o ambiente interno e externo do corpo, precisamos investir em nossos adolescentes e jovens no sentido e que as negativas encontres estas novas rotas de que as aprendizagens positivas possam ser consolidadas em seus cérebros

Faz-se necessário que os novos estímulos sejam constantes. Aprender dá trabalho, é difícil, gastamos muita energia e tempo, mas é preciso consolidar estas novas aprendizagens e novos comportamentos podem ser modulados, buscando comportamentos considerados socialmente desejáveis.

## 2.4. PRÁTICAS RESTAURATIVAS: TEORIA E PRÁTICA

As práticas restaurativas podem ser aplicadas nas escolas de forma preventiva por meio da construção da Cultura de Paz e dos "Círculos da Cultura de Paz". Porém, em

situações de crise aplica-se o trabalho de mediação de conflitos por meio dos "Círculos Restaurativos" que buscam superar a forte lógica de punição.

Para aquisição de novas aprendizagens, no sentido de resgatar o lado bom do eu verdadeiro podemos aprender muito com os ensinamentos de Kay Pranis, através dos Círculos de Construção de Paz, que são práticas restaurativas inspiradas nos povos indígenas e canadenses que reúnem a antiga sabedoria comunitária e o valor contemporâneo do respeito pelos dons, necessidades e diferenças individuais num processo que; respeita a presença e dignidade de cada participante, valoriza as contribuições de todos os participantes, salienta a conexão entre todas as coisas; oferece apoio para a expressão emocional e espiritual; dá voz igual a todos. (PRANIS, 2010 )

É preciso ajudar as pessoas a reconhecer e buscar alternativas saudáveis para suprir suas necessidades. O círculo de construção de paz é um lugar para se adquirir habilidades e hábitos para construir relacionamentos saudáveis. No círculo as pessoas têm a possibilidade de falar de si, de seus sentimentos e necessidades se aproximam das vidas uma das outras a partir da partilha de histórias significativas, elas partilham experiências pessoais de alegria e dor, vulnerabilidade e força luta e conquista. Quando alguém conta uma história, mobiliza as pessoas a sua volta nos níveis emocional, espiritual, físico e mental. O corpo relaxa, se acalma, fica mais aberto e menos ansioso. A filosofia subjacente aos círculos reconhece que todos precisam de ajuda e que ajudando os outros, estamos ao mesmo tempo ajudando a nós mesmos (PRANIS, 2010)

Aprendi a trabalhar com Círculos de Construção de Paz em 2015 através de uma formação na Secretaria Estadual de Educação (SEDUC/Porto Alegre/RS) e em 2016 na Promotora Regional de Educação (PRELUC/ Santa Maria/RS). Desde então tenho colocado em prática na resolução de conflitos envolvendo aluno, professores, funcionários, pais e comunidade escolar, bem como multiplicado estes conhecimentos na formação de orientadoras educacionais, profissionais membros da CIPAVE e profissionais da Rede de Apoio à escola. Socializando com colegas que também realizam os círculos, comumente dizemos que o círculo é mágico, tudo pode acontecer nele. As pessoas são envolvidos emocionalmente, deixam de lado as máscaras e defesas, para estar presente como ser humano inteiro, para revelar suas aspirações mais profundas, para reconhecer erros e temores e para agir segundo valores.

Costumo dizer que se as paredes da minha sala falassem poderiam revelar muitas experiências positivas. A conexão, o sentimento de pertencimento, o ser ouvido, poder falar

de seus sentimentos e necessidades fazem uma grande diferença na vida das pessoas, promovem responsabilidade de todos.

Segundo MARTINS (2017, p. 11) “as práticas restaurativas na escola são como ferramentas de resolução de conflitos que emergem em contexto escolar a fim de contribuir para a transformação do ofício docente e a melhoria do ambiente escolar de maneira geral”. Precisamos aprender e nos empoderar destas práticas e este é o empenho da 24ª Coordenadoria Regional de Educação, enquanto entidade educacional, realizar estas práticas em seu ambiente e multiplicar com os profissionais da educação e profissionais da rede de apoio para que a aprendizagem se efetive no dia a dia das escolas e nos demais ambientes da sociedade.

## 2.5 – CONSOLIDAÇÃO DE NOVAS APRENDIZAGENS

Segundo Cosenza (2011), as inteligências emocionais estão ligadas ao conceito de funções executivas, que embora não exista um consenso sobre a conceituação destas, podemos defini-las como o conjunto de habilidades e capacidades que nos permitem executar as ações necessárias para atingir um objetivo. Elas também asseguram, que as normas sociais sejam respeitadas, em um padrão comportamental considerado tendo como essência a capacidade de planejar no longo prazo, de medir a consequência dos próprios atos, de inibir comportamentos inadequados. Outro aspecto fundamental do conhecimento a neurociência é a questão da consolidação da aprendizagem:

É indispensável para que os registros no cérebro sejam retidos por um tempo maior. Na consolidação ocorrem alterações biológicas nas ligações entre os neurônios, por meio das quais o registro vai se vincular a outros já existentes, tornando-se mais permanente. Essas alterações envolvem a produção de proteínas e outras substâncias que são utilizadas para o fortalecimento ou a construção de sinapses nos circuitos nervosos, facilitando a passagem do impulso nervoso. Trata-se de um processo que não ocorre instantaneamente, que demora algum tempo para ocorrer. Terminado o processo, novas memórias estarão consolidadas e serão menos vulneráveis ao desaparecimento do que as lembranças recentes. (COSENZA, 2011, p.63)

Alguns estudos, tem sido realizado e existem evidências que esta consolidação ocorra durante o sono, mostrando a importância de termos um bom sono pois sua privação pode acarretar grandes prejuízos na questão da aprendizagem. Pois segundo o mesmo autor é durante o sono que os mecanismos eletrofisiológicos e moleculares envolvidos na formação de sinapses mais estáveis estão em funcionamento. É como se o cérebro, durante o sono, passasse a limpo as experiências vividas e as informações recebidas durante o período

de vigília, tornando mais estáveis e definitivas aquelas que são mais significativas (COSENZA, p 65). Como foi visto na questão das nossas necessidades básicas, o sono é considerado uma de nossas necessidades básica. Sendo ele tão importante na consolidação da aprendizagem podemos encontrar outro fator para as dificuldades de aprendizagem destas criança e adolescentes que vivem em situações de violência e de vulnerabilidade social.

Então a escola tem este grande desafio, enfrentando as mazelas de nosso mundo contemporâneo, não desistindo de seus alunos e professores. Reforçando diariamente o seu trabalho de acreditar no ser humano, fortalecendo as relações. Segundo Pranis (2015 p.16) “Para escolher comportamentos diferentes, os alunos têm de, primeiramente aprender novos comportamentos. E aprender qualquer coisa nova leva tempo. É preciso praticar”. Não basta apenas desenvolver o trabalho das práticas restaurativas, os valores da justiça restaurativas, apenas esporadicamente. Faz-se necessário um trabalho constante e persistente para que estas novas rotas neurais se estabilizem e virem novos hábitos e formas de viver para que as aprendizagens aconteçam. Os alunos podem aprender que é possível treinar a controlar nossa maneira de ser e manter o autocontrole das nossas condutas e praticar com progressiva segurança aprendizagens positivas.

### 3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão de todos os sujeitos na escola com permanência e sucesso é o grande desafio da educação. Os estudos das neurociências têm comprovado que os mais variados tipos de violências, como maus tratos, negligências... tem sido uma das causas do insucesso na aprendizagem. Conhecendo como funciona o nosso cérebro podemos avançar nas questões da aprendizagem. Através do processo de neuroplasticidade cerebral é possível superar aprendizagens negativas.

O estudo da neuropsicopedagogia entrelaçado com as práticas restaurativas pode mostrar caminhos, novas alternativas e estratégias para que a cultura da paz esteja presente nas escolas e que nosso aluno esteja em relações saudáveis criando vínculos afetivos que favoreçam a aprendizagem em todos os seus aspectos. O trabalho constante com as práticas restaurativas, através de círculo de construção de paz e círculos restaurativo - onde as emoções, sentimentos e necessidades podem vir à tona e serem reconhecidos - tem como objetivo resgatar valores restaurando relações.

Enquanto educação precisamos reconhecer que as emoções necessitam ser consideradas nos processos educacionais, para que as novas rotas neurais sejam

consolidadas. Logo, é importante que o ambiente escolar seja planejado e organizado com estratégias para a gestão dos conflitos, precisando criar espaços humanos. É tarefa da educação preparar as futuras gerações para o mundo melhor, criando ambientes seguros de aprendizagem e estimulando o uso de soluções criativas e pacíficas para os conflitos.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **O Cérebro Humano e a Educação**. Florianópolis: CEITEC, 2005

CAPPELLARI, Jeferson. **ABC do Girafês: Aprendendo a ser um Comunicador Emocional Eficaz** – Curitiba: Multideia, 2012

COSENZA, Ramon M. GUERRA, Leonor B. **Neurociência e Educação: como o cérebro** - Porto Alegre: Artmed, 2011

LORENZONI, Nelnie. **Manual Pedagógico de Práticas Restaurativas Seduc/RS**. Porto Alegre. Corag, 2010

MARTINS, Isabel Cristina **Práticas Restaurativas - Uma Metodologia ao Alcance do Educador**. Porto Alegre: Ediplt, 2017

PINTO, Amâncio da Costa. **O impacto das emoções na memória: alguns temas em análise.** Disponível em: [https://www.fpce.up.pt/docentes/acpinto/artigos/11\\_memoria\\_e\\_emocoes.pdf](https://www.fpce.up.pt/docentes/acpinto/artigos/11_memoria_e_emocoes.pdf) Acesso em: 18 de outubro de 2018.

PRANIS, Kay. WHATSON, Caroline Boyers. **Processos circulares**. Tradução de Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Atena, 2010.

PRANIS, Kay. BOYERS-WHATSON, Caroline. **Círculos em movimento** – construindo uma comunidade escolar restaurativa. Tradução de Fátima De Bastini. 2015.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Agora, 2006.